



Literatura e trabalho: entrevista com Luiz Ruffato

Marcos Rogério Cordeiro

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
r.cordeiro1@bol.com.br

Enrique Rodrigues-Moura

Universität Bamberg, Bamberg, Baviera / Alemanha
enrique.rodrigues-moura@uni-bamberg.de

Luis Alberto Nogueira Alves

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
laalves@uol.com.br

Maria Isabel Bordini

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
belbordini@gmail.com

Muitas vezes, ao se manifestar sobre sua própria obra, você tem demonstrado uma preocupação especial em relação ao mundo do trabalho e à figura do trabalhador. Como você chegou a essa questão?

Luiz Ruffato – Nasci em uma cidade industrial, cuja economia era baseada na indústria têxtil. Sou filho de uma mãe lavadeira de roupas, analfabeta, e um pai pipoqueiro, semianalfabeto. Meus irmãos, ambos – José Célio e Célia Lúcia – eram operários têxteis. Vivi minha infância em um cortiço habitado por trabalhadores e morei até o fim da minha adolescência em bairros operários, com amigos e pais de amigos operários. Quando fui morar em Juiz de Fora, aos 16 anos, trabalhando como torneiro-mecânico – curso que fiz no Senai de Cataguases –, já era um ávido leitor. Quando passei no vestibular para Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora, passei a ser um leitor mais seletivo, mais interessado e mais crítico. E me deparei então com um fato: a literatura brasileira pouco ou nada representa a figura do trabalhador urbano e o mundo do trabalho. Então, quase naturalmente, comecei a pensar na possibilidade de tentar preencher essa lacuna... A literatura brasileira, até hoje, é muito rica em

representar o universo de classe média alta e média e os marginalizados (muitas vezes, nesse caso, de forma estereotipada). Mas esse grande espectro que forma a classe média baixa, essa até hoje mantém-se invisível na literatura, porque é invisível na sociedade.

Pensando na tradição do romance brasileiro, o tema do trabalho adquiriu importância nas décadas de 1930-1940 nas obras de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, por exemplo. Levando em consideração que muita coisa mudou na sociedade brasileira, e no mundo do trabalho em particular, como você situaria a sua obra em relação a desses autores?

LR – Aqui, vejo uma certa confusão, normal quando se fala em mundo do trabalho e da literatura. Mal ou bem, o mundo do trabalho rural sempre foi representado na literatura brasileira – melhor ainda, curiosamente, a complexidade da sociedade, em seus vários segmentos, sempre teve voz e vez na literatura brasileira, e por uma razão bem simples. O mundo rural é permeável – o filho do dono da fazenda mantém contato com o filho do empregado e, caso queira, pode até mesmo desfrutar de experiências parecidas, principalmente na infância. O mundo urbano é absolutamente diferente – a sociedade urbana é hierarquizada, de tal maneira que é impossível pensar na possibilidade de o filho do dono ou mesmo do gerente de uma fábrica conviver com o filho do empregado. Portanto, quando falo da ausência de representação do trabalhador, estou me referindo especificamente ao trabalhador urbano. E mais: quando falo do trabalhador urbano, estou me referindo ao homem e à mulher que trabalham e não ao sindicalista ou ativista político – que é de algum modo o caso de Jorge Amado (*Jubiabá*) ou José Lins do Rego (*Moleque Ricardo*) ou Patrícia Galvão (*Parque Industrial*). Então, repetindo, até a década de 1970, não temos, efetivamente, nenhuma representação do mundo do trabalho (com a rara exceção de *Os corumbás*, de Amando Fontes, e uma ou outra entrada em cena em contos ou romances). O primeiro autor que vai tratar do tema é Roniwalter Jatobá. E até hoje praticamente ninguém seguiu o caminho pioneiro por ele aberto.

E o momento atual? A literatura não parece entender o tema do trabalho como algo representativo das principais preocupações da sociedade ou como matéria relevante para representá-la. Qual a sua opinião a respeito? O diagnóstico se confirma? Haveria nessa atitude um viés de classe ou seria uma espécie de demanda do mercado?

LR – A literatura, das artes, é a mais exclusivista, embora a mais redentora. Para produzir literatura, como autor, assim como para usufruir da literatura, como leitor, é necessário ter tido uma educação de qualidade. Não é assim, por exemplo, com as outras artes – música, cinema, teatro, artes plásticas, etc. – onde nem o produtor nem o consumidor tem, necessariamente, necessidade de ter tido uma educação de qualidade. Agora, quem tem acesso à educação de qualidade no Brasil? As classes média e alta... E elas escrevem sobre e para as classes média e alta – com uma queda pela marginalidade, que a assusta e a fascina, ao mesmo tempo. A classe média baixa não tem acesso à educação de qualidade e dificilmente forma escritores – além do quê, o mundo do trabalho não tem glamour... O glamour que tem a vida de um advogado, por exemplo, ou do chefe do tráfico numa comunidade... O mercado responde e ativa as necessidades dos leitores, um processo dialético... E nesse mercado o mundo cinzento do trabalho não tem lugar.

Existe em seu trabalho uma atenção acentuada com a elaboração da técnica, a estrutura narrativa e a construção das personagens, o que normalmente exige um leitor bem formado e interessado nos aspectos da linguagem e do estilo. Como você procura conciliar um tema áspero e objetivo, como é a questão do trabalho, com esse aspecto mais artístico propriamente dito?

LR – Uma questão que sempre me preocupou é exatamente essa. As poucas vezes em que personagens de classe média baixa são representados na literatura brasileira, eles aparecem de forma caricata – é por meio da linguagem e da psicologia, ambas rebaixadas, que os escritores pensam em caracterizar aqueles que não pertencem ao seu mundo. Ora, desta armadilha que sempre procurei fugir. Literatura é antes de tudo linguagem. O que a literatura busca, preferencialmente, é a transcendência, ou seja, falar de determinado assunto em um espaço e tempo específicos para um leitor situado num espaço e num tempo inespecíficos. Há uma enorme confusão com relação ao discurso literário. O discurso literário abrange todos os outros discursos – e aí é que se dá essa transcendência. No momento em que o discurso literário se reduz a um discurso antropológico, sociológico, político, psicanalítico, etc., ele deixa de ser discurso literário, deixa de perseguir a transcendência e se conforma em ser discurso antropológico, sociológico, político, psicanalítico, etc. Não é porque estou tratando do mundo do trabalho que tenho que rebaixar o discurso literário. Ao contrário, só darei conta

de retratar o mundo do trabalho se buscar a transcendência do texto literário. Essa transcendência tem uma verdade, tem uma ética, tem uma estética. É isso que busco.

Sua proposta estética passa pela figuração das classes subalternas, com a presença de personagens econômica, social e culturalmente oprimidas, que muitas vezes são alçadas à condição de protagonismo. Como você vê a recepção a essa ordem de questões? Você possui algum canal de interlocução com os leitores?

LR – A recepção aos meus livros tem sido bastante boa. Se medirmos pelas vendas, quase todos têm mais de uma edição: *Eles eram muitos cavalos*, quinze; *Estive em Lisboa e lembrei de você*, seis; *De mim já nem se lembra*, três; *Inferno provisório*, duas – apenas *Flores artificiais* (romance), *A história verdadeira do Sapo Luiz* (infantil) e *Minha primeira vez* (crônicas) têm apenas uma edição. Se pensarmos em termos de entrada no mundo acadêmico, meus livros são tema de mais de 70 trabalhos de mestrado e doutorado, no Brasil e no exterior. Se formos analisar em termos de traduções, afora o livro de crônicas, todos estão publicados no exterior (12 países). E os leitores são dos diversos segmentos sociais.

Pensando na realidade cotidiana de um país periférico como o nosso, com graves distorções econômicas, que simplesmente alija uma grande parte da população dos bens culturais em circulação, como você vê a inserção da literatura nessa estrutura social?

LR – Uma pessoa só começa a pensar quando estão resolvidas duas questões primárias e primordiais de subsistência: alimentação e moradia. Ora, a maior parte da população brasileira não tem sequer resolvidos esses problemas, então, imaginar a literatura na vida delas é imaginar o impossível. Mas, infelizmente, a situação é ainda bem pior. Mesmo aquela pequena camada da população que tem dinheiro e acesso à literatura não lê. Os índices de leitura são ridiculamente baixos... O número de bibliotecas públicas é inacreditável... O número de livrarias, *idem*... O Brasil tem altos níveis de analfabetismo funcional – uma a cada três pessoas... A literatura transforma o leitor por meio da empatia. O leitor passa a ter uma visão mais complexa da realidade e, portanto, torna-se consciente do espaço que habita. O problema é exatamente esse: a elite brasileira, que manda e desmanda no país, não tem qualquer interesse que essa imensa massa de mão de obra barata que é o Brasil consuma

algo que a torne autoconsciente. Quer que consumam carros, geladeiras, celulares, televisores, roupas, perfumes... não livros.

Reconhecendo o caráter universal do desenvolvimento da literatura, nossas condições impõem um tratamento estético específico? Ou a literatura passa por cima dessas diferenças?

LR – Sinceramente, não acredito no caráter funcional da literatura. Literatura com finalidade não é literatura, é outra coisa, discurso político, etc., como disse anteriormente. Evidentemente, cada espaço e tempo têm suas próprias demandas. Por exemplo, o romance, como gênero, no meu ponto de vista, é o gênero do capitalismo, por excelência. E por isso ele tem mais ou menos as mesmas características no tempo e no espaço. Mas o capitalismo do século XIX não é o mesmo do século XXI – nem mesmo o capitalismo da França é o mesmo do Brasil... Portanto, as demandas conformam o romance, dependendo de onde e quando ele é produzido. Mas, independentemente disso, é romance... O que vai definir sua transcendência no espaço e no tempo será a capacidade do autor de ressignificar o espaço e o tempo – e é a linguagem que consegue isso, é a verdade do texto que consegue isso, ou, em outras palavras, são as opções estéticas que formalizam isso.

Voltando à questão do leitor, via de regra é um segmento composto pela classe média, com seus hábitos e ideologia próprios. Até onde você vê, a configuração do mundo do trabalho é recebida com interesse ou esse segmento possui outras preocupações? Por outro lado, quais seriam as principais medidas a se tomar para garantir o acesso das classes populares à literatura?

LR – Há leitores e leitores. Os leitores que se interessam por boa literatura não estão preocupados com o “quê” do tema tratado, mas sim com o “como” – é o meu caso próprio. Porque o que importa é se o autor consegue estabelecer com o leitor – de qualquer tempo, de qualquer época, de qualquer classe social – a tão buscada empatia. Agora, com relação às medidas a serem tomadas para garantir o acesso à leitura, a resposta é simples: investimento maciço em educação pública, para proporcionar uma formação de qualidade dos cidadãos brasileiros. O interesse pela literatura viria como consequência natural. O problema é que ninguém está interessado em mudar essa realidade. Passam os governos e continuamos patinando na mediocridade.

Como cidadão, como você vê as condições atuais dos trabalhadores no Brasil em face das transformações políticas e econômicas em curso?

LR – É preciso lembrar que o capitalismo é um sistema econômico autossuficiente, que retira de suas deficiências sua força. Hoje, não se pode mais nem mesmo falar em proletariado – as relações de trabalho baseiam-se em frágeis contratos e em relações absolutamente desfavoráveis aos empregados, o que se convencionou chamar de trabalho precário ou precariado. Infelizmente, este golpe transformou as relações de trabalho, e os trabalhadores não conseguiram refletir sobre isso de forma clara para constituir maneiras de se defender. Os sindicatos e associações classistas não dão conta destas mudanças e nunca os trabalhadores estiveram tão longe da luta solidária... E no Brasil, em particular onde vigora o capitalismo selvagem, ou primitivo, ou seja, o capitalismo em sua fase de acumulação de capital a qualquer custo, a flexibilização das relações do trabalho vão causar um impacto negativo muito mais amplo do que apenas esse desemprego altíssimo com o qual vimos convivendo até agora.

Como escritor, como você avalia a atual crise, cujo epicentro foi o golpe parlamentar-jurídico-midiático de 2016 e seus desdobramentos recentes? Em que medida um evento tão cheio de consequências para o país pode impactar a consciência e a atividade de um artista?

LR – O espaço da literatura é o espaço da liberdade. Quando a liberdade está em xeque, a literatura está em xeque. E passamos por um momento no Brasil em que o estado de direito foi revogado e em que predomina a intolerância, em todos os níveis da sociedade. Devemos estar atentos e batalhar, cada um dentro das suas possibilidades, para que as eleições deste ano não nos tragam mais surpresas desagradáveis – porque o avanço do fundamentalismo cristão é irreversível e se a ele se aliar a extrema-direita representada por Jair Bolsonaro, aí sim o Brasil estará se jogando do abismo...

Para finalizar, na sua opinião, o ofício de escritor se configura como forma de trabalho ou é uma aventura do espírito?

LR – Aventura do espírito? Isso é coisa de quem tem dinheiro suficiente para se dedicar, de maneira integral, à literatura, como forma de diletantismo. Eu vivo da profissão (não do ofício) de escritor há 15 anos e me orgulho muito de poder pagar as minhas contas com o dinheiro auferido desse trabalho.